



Manifestação de moradores na frente da prefeitura de Santo Antônio do Descoberto, que responsabiliza as empresas goianas de água e luz. Solução definitiva só virá em abril

ENTORNO

Santo Antônio do Descoberto sem água nem luz

Apesar do nome sagrado, Santo Antônio do Descoberto, distante 53 quilômetros do Plano Piloto, está passando por um martírio. Os 56 mil habitantes da cidade convivem com a desagradável surpresa de abrir uma torneira sem encontrar água, a constante falta de energia que traz a escuridão, faz a comida estragar na geladeira e danifica os aparelhos eletrodomésticos.

Cerca de 300 pessoas juntaram-se na manhã de ontem em frente da prefeitura da cidade para protestar contra a qualidade dos serviços prestados pelas Centrais Elétricas do Estado de Goiás (Celg) e pela Saneamento de Goiás (Saneago).

A pé, a cavalo ou de bicicleta, os moradores foram fazer barulho e pedir providências ao prefeito contra os canos secos e as tomadas e interruptores inúteis. O prefeito, padre Getúlio de Alencar (PMDB), chegou depois de meia-hora de protesto, tentou discursar,

esperou cinco minutos e desistiu alegando compromissos de gabinete. Saiu sob vaias.

Em volta do carro de som emprestado pelo Sindicato dos Rodoviários do DF, a multidão manifestou sua indignação durante duas horas. "A energia aqui cai direto e já pifou com minha geladeira", reclama a dona de casa Lázara Pimentel, de 33 anos, uma das participantes do protesto. "Para resolver o problema da falta d'água, dependo da cisterna dos vizinhos", conta a mãe de três filhos, com idades que varia entre 3 e 11 anos.

Na manhã da última segunda-feira, depois de uma noite sob a luz de velas e lamparinas, o açougueiro Valdenir Costa e Silva, de 23 anos, fez a felicidade dos cachorros. Foi obrigado a jogar mais de seis quilos de carne no lixo. "Logo já tinha sumido", recorda. Ele também reclama das más condições para trabalho por causa da falta d'água e

energia. "Como é que pode ter higiene num açougue e como eu vou atender aos pedidos se as máquinas não funcionam?", questiona.

Insatisfação para alguns, alegria para outros. Na oficina de conserto de aparelhos eletrodomésticos, o técnico Antônio Carlos Filgueira Silva, de 27 anos, comemora a quantidade de serviço. "A energia vem forte quando volta, oscila muito, e a consequência é isso aí, prateleiras cheias de trabalho", diz ao apontar para os aparelhos de som e tvê danificados.

Convidado por um amigo para deixar o emprego em Taguatinga, Antônio relutou em aceitar por causa da distância maior entre Samambaia — onde mora — e Santo Antônio do Descoberto. Um mês depois de ter aceito o chamado, comemora. "Aqui é melhor porque a energia elétrica é de pior qualidade", explica Antônio. Para cada eletrodoméstico consertado, ele cobra R\$ 70 pe-

lo serviço, que demora três dias até ficar pronto. "No antigo emprego, não gastava a metade desse tempo porque a procura era bem menor."

INVESTIMENTOS

"Já falei com o governador (Márcio Vilela, também do PMDB)", diz o prefeito Getúlio de Alencar, que pretende denunciar o contrato das empresas prestadoras de serviço na Justiça. "Essa manifestação está no endereço errado, deveria ser direcionada às empresas responsáveis, que assumiram a tarefa."

O representante da Saneago na cidade empurra a culpa para a Celg. "Se ficamos sem energia, também ficamos sem água, porque dependemos de força para fazermos o bombeamento", explica o gerente de distrito Cláudio da Silva. "A origem do problema são eles, que têm um sistema sucateado", explica ao mostrar documentos onde estão anotadas 19

horas de torneiras secas por causa de quedas de eletricidade.

"O problema que nós temos com energia não é causa para ficar uma semana sem água", retruca o encarregado do escritório de distribuição da Celg, Wágner Alves Mata. Durante muito tempo o Entorno não recebeu investimentos do governo goiano e o crescimento populacional de até 25% em certas regiões não recebeu assistência do poder público. O excesso de demanda torna frágil a capacidade de atender a todos que precisam de energia elétrica.

"Com o início de funcionamento da subestação de Águas Lindas desde o último domingo e com o investimento de U\$ 10 milhões no máximo até abril, esses problemas vão estar resolvidos", diz o chefe de departamento de Engenharia do Entorno da Celg, Handel Martins Júnior. "Santo Antônio cresceu muito e durante muito tempo a empresa ficou sem investir", reconhece.